



DO RAJOY PAI AO FRANCO IRMAO

Há 40 anos, a desapareição de quatro mil toneladas de azeite público dos depósitos da empresa Reace em Teis (Vigo) provocou um escândalo que fez tremer as altas estruturas do tardo-franquismo. As operações implicavam diretamente o irmão do 'Generalíssimo', Nicolás Franco, quem nunca chegou a declarar graças ao pai de Mariano Rajoy.

CRIAÇOM

Na secção de Criação, visita-nos Nolim González. Membro de vários coletivos poéticos, tem participado em atos por todo o país nos últimos anos. Começou fazendo parte do Clube d@s Poetas Viv@s e faz também parte do projeto Poetas da Hóstia. Também tem recitado em locais da mão do grupo A Porta Verde do Sétimo Andar. Ainda, tem-se adentrado no mundo da experimentação poético-eletrónica - sempre ao vivo - com o grupo Maus Vizinhos, junto a David, Dj Cocon. Neste campo já apresentam agora polo país o seu "I Don't Anythink for you".

UM CINEMA SEM PAÍS

«Nunca pensei que das três palavras que compõem a denominação "novo cinema galego" a que pudesse estar mais em causa fosse o adjetivo de referência à origem», afirma Xurxo Chirro no artigo deste mês da secção Campa Audiovisual.

EM TEMPOS

O arredismo de Jaime Ilha Couto

C. C. V.

"Falouse abondo xa. Estamos ateigados de literatura; máis achámonos enxoiros de acción. É hora de perguntranos o que levamos decorrido no vieiro longo e difícil da liberación da Patria."

X. ILLA COUTO, "Falar e facer", ANT, n.º 345, 1934.

"D-eiquí a nosa misión crara, taxativa, descontra teorizacións, retóricas e sober tudo frente a posicións cómodas que nos entreguen de xionllos ao nemigo: o arredismo; sinxelamente, fortemente."

SANTIAGO FERNÁNDEZ, "Defensa, xustificación i-eloxio do separatista". *Guieiro*, n.º 16, 1935.

Neste 25 de abril, faleceu Jaime Ilha Couto, um dos homens de maior trajetória no nacionalismo galego "clássico", da sua gestação a começos de século, à sua autodissolução no projeto Galáxia. Pouca repercussão teve a sua morte no imediatismo tecnológico do jornalismo galego, e as honrosas exceções optaram por reproduzir a biografia oficial do defunto.

Nado em 1915 em Compostela, Jaime era o irmão pequeno de Ramiro Ilha Couto, a sua primeira e maior influência vital: "para mim, o



Membros dos Ultraia numha missom biológica em 1932

tesouro realmente maior que tenho eu, na minha vida, é a correspondência que tenho com ele, desde os anos 27". Ramiro foi o mastro maior do arredismo de além-mar. Emigrado à Argentina, foi fundador da revista Terra, militante da Sociedade Nazionalista Pondal e redator d' A Fouce.

Em 1931 é um dos moços que proclama a II República em Compostela, "figemos entom um grupo, um grupo escolar ao serviço da República. E eu proclamei a República quatro horas antes que em Madrid!". Nom temos dados, mas Jaime Ilha poderia ter sido também parte da mobilização que proclamou no mesmo ano a República Galega, já que entre eles estava o

seu grande amigo Manuel Beiras.

Fará parte do primeiro Conselho Nacional da Federação de Mocidades Galeguista, com o cargo de Secretário de Organização, desde o que faz numerosos chamamentos à ação direta e abandono da lírica passividade. Junto com Celso Emílio, será um dos principais dirigentes favoráveis à violência política, apesar da sua conhecida militância católica, do mesmo jeito que a sua grande formação cultural nom lhe impede criticar o culturalismo. No campo estudantil funda a Federação de Estudantes Galegos, avançando na articulação setorial do nacionalismo da altura.

Alguns historiadores falam do misterioso militante da corrente ar-

redista das FMG "Santiago Fernández", do qual apenas se conhecem uns artigos no *Guieiro*, vozeiro do qual era diretor Ilha. Pensamos que é um pseudónimo de Ilha Couto, que mantém na década de 40 quando escreve em *La Noche*. Com ele, escreve cousas como "Defensa, xustificación i-eloxio do separatista" (*Guieiro*, n.º 16, 1935): "Moitos homes do galeguismo falan nos mitins, escribe nos boletíns e din: nós non somos separatistas - como para ceibarse dise alcume que lles botan por riba -, nós imos tamén contra o separatismo; anque, engadéu algún, nós chegaríamos a xustificalo e axudal-o si o Estado español continuase cego como ata agora para os nosos problemas esenciais. Eu sí: eu son separatista; nidiamente, seguramente. Como postura activa radicalmente consecvente c-unha definición ideolóxica: o nacionalismo".

Posteriormente virará para posições mais mornas, mesmo sendo na II Assembleia da FMG umha das vozes críticas com a proposta de José Velo e Celso Emílio de definir abertamente a Federação como arredista. Quais as razões? Nom o sabemos com certeza, mas quiçá a in-

fluência da cissom direitista e cristá no PG, oposta à Frente Popular, em cuja órbita estavam muitos moços ex-arredistas, como Manuel Beiras ou Filgueira Valverde. Nessa mesma Assembleia Ilha, por exemplo, defende sem êxito o direito a voz e voto para os moços com cargos na Direita Galeguista, já formada.

Desde a morte de Rufo Peres no passado mês de novembro, Jaime Ilha Couto era também o único sobrevivente dos Ultraia que participaram na primeira jeira da Missom Biológica em Ponte Vedra. No diário da mesma, escrevia Joám Astorga um significativo parágrafo sobre o nosso rapaz: "O derradeiro en erguerse é o Isla; non estrana: acaso pasou a noite á lér nesa gran biblioteca que trae na maleta. Bó rapaz, pro... pouco rapaz. Xa fala de fillosofia, de metafisica... que sei eu".

Alguns historiadores falam do misterioso militante da corrente arredista das FMG "Santiago Fernández", do qual apenas se conhecem uns artigos no *Guieiro*, vozeiro do qual era diretor Ilha.

Pensamos que é um pseudónimo de Ilha Couto, que mantém em *La Noche* na década de 40



O pai de Rajoy evitou que o irmão de Franco fosse julgado por comércio ilegal de azeite público

O 'caso Reace', cujo sumário judicial foi "extraviado", foi vinculado com a morte de seis pessoas

H. Carvalho

O escândalo provocado há 40 anos pela desaparecimento de quatro mil toneladas de azeite público dos depósitos da empresa Reace em Teis (Vigo) fijo tremer as altas estruturas do tardo-franquismo. As operações de comércio clandestino implicavam diretamente o irmão do 'Generalíssimo' Nicolás Franco, o qual, no entanto, conseguiu evitar ter que declarar num processo judicial que nom desvendou quais fôrom beneficiários da fraude nem esclareceu as seis mortes em estranhas circunstâncias que fôrom relacionadas com o caso. A documentação do sumário, que ascendeu a 5.000 páginas, foi supostamente extraviada na Audiência Provincial de Ponte Vedra, cujo presidente – e instrutor desta causa – era Mariano Rajoy Sobredo, pai do atual máximo mandatário do Governo espanhol.

Os depósitos que estavam vazios quando o caso do chamado 'Azeite de Redondela' saiu à luz ainda fôrom desmantelados em junho do passado ano, e ainda a dia de hoje os principais interrogantes do caso continuam abertos, porquanto a documentação implicatória foi eliminada e as presumíveis testemunhas diretas dos crimes praticados faleceram em circunstâncias pendentes de esclarecer.

A empresa 'Refinería del Noroeste de Aceites y Grasas SA' (Reace) tinha assinado um contrato com a Comissaria Geral de Abastecimentos e Transportes (CAT) para armazenar nos seus silos azeite público entre 1966 e 1972. No dia 25 de março de 1972 ativavam-se os alarmes quando era detetada a ausência de 4.036.052 quilos de azeite que deveriam estar depositados nas instalações da sociedade Reace, polo qual o seu diretor-gerente José María Romero González procedia a denunciá-lo nos tribunais de Vigo. O valor do produto que nom estava nos depósitos foi estimado em mais de 167 milhões de pesetas da época.



Mariano Rajoy Sobredo, à esquerda, e Mariano Rajoy Brey, à direita

Apenas quatro dias depois da denúncia, a polícia procedia a prender um dos sócios principais da Reace, Isidro Suárez Díaz Morris, que tinha exercido como secretário pessoal de Nicolás Franco quando este fazia parte da Administração da empresa.

O 'modus operandi'

Tomando como base investigações jornalísticas e partes conhecidas do sumário, o comércio ilegal do azeite público ter-se-ia desenvolvido ao longo de três a quatro anos antes de se ter conhecido o escândalo, época em que o irmão do ditador exercia como dirigente da empresa. Conforme transcendeu, comandos da Reace comerciavam ilegalmente com o azeite que deveriam ter em depósito com conserveiras da zona e outras sociedades europeias. Para camuflar as operações, utilizariam elementos de contabilidade falseados – os livros de contas desapareceram antes do julgamento – e dispunham de mecanismos para extrair e introduzir azeite nos depósitos sem ter que quebrar os selos de segurança. Tem-se constatado também a existência de transferências de mercadoria continuadas entre depósitos da Reace e da CAT, polo qual a fraude implicaria elementos da empresa e da entidade pública, assim como o pagamento de subornos a pessoal funcionário que contabilizava as inspeções das

quantidades armazenadas nos silos da empresa.

Morte às pontas soltas

O mencionado diretor-gerente da Reace e denunciante da desaparecimento da mercadoria, José María Romero González, aparecia morto na sua casa de Sevilha em setembro de 1972 junto à sua mulher e à sua filha. A versão oficial apontava a que teria assassinado as duas mulheres antes de se suicidar, embora o facto de que a linha telefónica estivesse cortada e os acessos ao domicílio obturados com farrapos, assim como a existência de umha suposta carta de suicídio de duvidosa veracidade em que apontava à responsabilidade dum dos condenados no caso, figérom com que quase ninguém desse credibilidade ao relatório policial.

O também citado ex-secretário de Nicolás Franco, Isidro Suárez Díaz Morris, aparecia morto numha prisão viguesa. A primeira hipótese oficial que apontava à causa do falecimento por umha queda na casa de banho era substituída depois por umha suposta intoxicação por gás quando foi verificado que as duchas nom estavam operativas na hora do suposto acidente. O filme Redondela, estreado em 1986 sobre a base de um importante trabalho de documentação, aponta a que teria sido assassinado quando se dispunha a fornecer informações que afetariam o irmão do ditador.

A lista de mortos completa-se com as de Antonio Alfageme de

Burgos, empresário do setor das conservas que teria comprado azeite da Reace no mercado negro, e com a do taxista Arturo Cordovés, que transportava habitualmente um dos implicados às inspeções dos silos.

Os Franco protegem-se graças a Rajoy Sobredo

A Audiência Provincial de Ponte Vedra atevigava-se de repórteres e público no dia 21 de outubro de 1974 para presenciar o julgamento dum dos escândalos mais famosos da corrupção franquista. O presidente do tribunal era o pai do atual chefe do Executivo espanhol, Mariano Rajoy Sobredo, enquanto o Ministério Público estava representado polo também pai de outro personagem conhecido da política recente, Cândido Conde Pumpido, progenitor do Procurador-geral do Estado com o Governo de Zapatero. Entre os advogados, encontrava-se José María Gil Robles, cabeça visível da direita na Segunda República espanhola.

A polémica acendia-se quando transcendia que Nicolás Franco nom ia ser chamado a declarar por ser considerada a sua citação "improcedente" por parte do tribunal. Para além de ter sido dirigente da Reace nos anos da fraude, exercera como mediador para a concessão de um empréstimo do Banco de Crédito Industrial entregueado à empresa através dumha sociedade interposta e também estaria vinculado ao desvio dos lucros do co-

mércio ilegal de azeite para umha outra empresa da qual constava como conselheiro.

A sentença condenou o presidente da Reace – e na altura também do R. C. Celta de Vigo – Rodrigo Alonso Fariña, o contabilista Alfredo Pérez Román e o funcionário da CAT que elaborava os relatórios das inspeções, Ángel García Canals. O destino final dos lucros pelas vendas clandestinas nom foi conhecido, como tampouco os seus compradores e as causas reais das mortes referenciadas. As hipóteses de dar continuidade ao processo ficárom truncadas com a suposta perda das 5.000 folhas do sumário 43/1972 no interior da Audiência Provincial.

Ocultação mediática nom impede que transcenda

As restrições à informação do Franquismo fixérom o seu trabalho para tentar impedir que o escândalo tivesse umha repercussão maior e especialmente para proteger a figura do irmão do 'Generalíssimo'. É pois que outro pai de políticos contemporâneos, o ministro da Informação e do Turismo Pío Cabanillas Gallas, ordenou a vigilância e intervenção da imprensa por parte dos seus Serviços Centrais. O diretor da revista agrária sevilhana Campo foi submetido a processo administrativo "polo conteúdo dos trabalhos" em referência a umha reportagem em que reclamavam transparência e justiça frente à fraude.

Um dos jornalistas mais destacados na investigação do caso Reace foi o galego Pepe Rei, autor de diversas crónicas nas páginas de El Pueblo Gallego a partir dumhas pesquisas que dariam pé à publicação do primeiro dos seus onze livros: 'El Caso Reace. Las Salpicaduras del Aceite'.

A contenção imposta polo último Franquismo nom impediu que a sociedade galega e espanhola tivessem conhecimento da dimensão do escândalo, nuns anos de efervescência política e social que constatavam a agonia do sistema imposto polos vencedores do Golpe de Estado de 1936.



A FOTO

Sole Rei



A ordenança de segurança viária e de circulação aprovada no plenário de abril pelo governo municipal de Vila Garcia tem dado muito que falar nas últimas semanas, e diversos coletivos vicinais recolheram já mais de mil assinaturas exigindo a sua retirada. Os artigos mais polémicos: os que proíbem que os peões parem formando grupos nos passeios que obriguem outros viandantes a circularem pela calçada, ou mesmo correr ou saltar. Também os patinadores e os ciclistas estão no ponto de mira, e o regulamento impõe importantes restrições a estas atividades. Mas a norma da cidade arouçana não é uma exceção, já que estes artigos contam textualmente de ordenanças de Ourense, Valência, Madrid, Pamplona ou Gran Canária. Enquanto o Concelho assegura que a sua intenção não é coartar a liberdade cidadã, mas garantir a segurança e zelar pelo civismo, catedráticos de direito corroboram o ataque contra os direitos e liberdades constitucionais que esta regulação acarreta, e criticam a obsessão dos municípios por regulamentarem questões em que já regem normas de nível superior. De facto, diversos especialistas em direito lembram que o Código Civil indica que aquele que por ação ou omissão provocar dano a outrem, estará obrigado a repará-lo, com o qual ir mais além e tentar pôr limites à atividade humana parece desnecessariamente restritivo.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Nolim González é um poeta itinerante -talvez o melhor que pode ser um poeta- que levanta a voz em locais diversos e em diversas companhias. Ativista cultural desde muito novo, dono dos nomes das ervas, das montanhas, das rotas da Galiza, acampa desde há vários anos na palavra recitada. Com sucesso evidente, participa em coletivos literários e espetáculos poético musicais. Agora traz-nos para o Novas um poema vital que representa muito bem uma vertente da sua poesia. Talvez noutra ocasiom nos mostre também a rebeldia social e a ironia que empapam os seus cantos.

Nasceste...
largando tuas raízes
ao solo mais nutriente
e abraçaste-o
como se abraça
um ser querido

medraste...
e de cada rama saiam
folhas escritas
que transmitiam
na tua sálvia
a história herdada

cresceste...
amarrando partículas de chuva
que humedeciam a tua vida

e desenhavam na cortiça
o irremediável passo do tempo
engrandecendo desde dentro
as veias duma nova rama
donde brotariam palavras

e chegando ao cimo
da tua existência
entregarias vida
a tudo quanto rodeia

tuas raízes
tuas polas
tuas folhas
teu porte esbelto
transmitindo oxigénio



Nolim González

herdado nos milénios
que cobrem tua memória
e dando-nos esperança
a quem transmitimos
cada palavra
escrita nas tuas folhas...



LÍNGUA NACIONAL

A morte da inocência

Valentim R. Fagim

Um pai galego está na sala da casa familiar a ver um filme de desenhos animados com o seu filho, um fedelho de cinco anos. O filme em questom, com vozes brasileiras, é *Monstros S.A.*, da Pixar, por sinal muito recomendável para adultos. Depois de dez minutos de película, o pai pergunta:

- Estás a entender o filme?
- Claro.
- Estám a falar em português, sabias?
- Nom, estám a falar em galego.



Na mesma semana, tem lugar esta cena num restaurante da zona velha compostelana. Um empregado galego, aí polos 45 anos, atende umha clienta brasileira que escolheu a Galiza para a suas férias. Ambos conectam bem, as

conversas fluem entre serviço e serviço: “que lindo que é o caminho de Santiago”, “adoro a chuva, lá de onde venho chove pouco”, “o Brasil é um país enorme”, “tem estado lá?”, “Haverei de ir quando seja mais velho”. A dado momento a clienta comenta um facto que tem chamado a sua atençom:

- Tenho visto em vários lugares as paredes escritas em português, curioso, nom é?

- Som uns radicais de por aqui. Dizem que galego e português é a mesma língua.

Um empregado galego, aí polos 45 anos, atende umha clienta brasileira que escolheu a Galiza para a suas férias. Ambos conectam bem, as conversas fluem entre serviço e serviço. “que lindo que é o caminho de Santiago”, “adoro a chuva, lá de onde venho chove pouco”. A dado momento, a clienta comenta um facto que tem chamado a sua atençom: “Tenho visto as paredes escritas em português, curioso, nom é?”

CAMPA AUDIOVISUAL

Um cinema sem país

Xurxo Chirro

Ao longo da última década, a evoluçom do cinema entrou numha espiral de mudançom e transformaçom que pujo em questom a sua própria conceçom tradicional. As mutaçom da disciplina, causadas principalmente pola incorporaçom das novas tecnologias, estám a levar ao colapso um sistema industrial incapaz de assumir tanta instabilidade. Porém, esta situaçom constitui, para a criaçom artística, um excelente caldo de cultura em que vam xurdindo e tomando forma novas propostas que empurram a linguagem cinematográfica para novos limites.

Este panorama levou a que cristalizassem distintos focos espalhados polo mundo em que se exemplifica esta dialética: por um lado, vemos o ocaso, em todos os sentidos, dum cinema caduco e previsível e, por outro, assistimos à apariçom de novos cinemas cheios de risco e experimentaçom. Nesse contexto, as cinematografias mais ricas ini-

ciárom um processo que as levou a se repensar a si próprias, nom sendo o aparato crítico, tanto o local como o foráneo, alheio a estas reformulaçom. Assim, vemos como ao mesmo tempo que se evidenciam alguns sintomas de morte, podemos também alviscar o nascimento de novas e esperançomas perspectivas para o cinema do futuro.

Há justamente dous anos tivo lugar a ata de nascimento do que se deu em chamar: NOVO CINEMA GALEGO. Umha etiqueta provocadora (ou nom) que vinha denominar umha nova forma de fazer cinema mais acorde com as dinâmicas criativas e de produçom em que se desenvolve a vanguarda do atual panorama internacional. Pola primeira vez na história, os pressupostos das obras cinematográficas feitas na Galiza participam das mesmas procuras e inquranças que as cinematografias nacionais que exercem uma maior liderança referencial. Esta foi a maneira de definir todo

um processo inteligente de sistematizaçom de elementos locais e identitários que foi capaz de transcender a entendimentos universais.

Nunca pensei que das três palavras que compoem a denominaçom “novo cinema galego” a que pudesse estar mais em causa fosse o adjetivo de referência à origem. Num princípio, duvidava do termo “novo” porque aceitá-lo significava assumir o paradoxo de que um “nada” já tinha ficado velho. Tampouco o termo “cinema” estava isento de questionamentos tendo em conta a complexa deriva tecnológica dos nossos dias. Mas a desafeiçom territorial é algo que já se mostrou muito evidente tanto no passado como no presente, e infelizmente tudo indica que o continuará a ser no futuro mais próximo. Esta dinâmica nom é motivada pola apatia dos criadores ou pola escassa ambiçom das obras resultantes, mas principalmente pola falta de implicaçom dos agentes que perfilam

o resto do contexto (setor, público, administraçom, meios, instituiçom educativas e a cultura em geral).

Agora que já foi dito, gostaria de fazer umha reflexiõ mais funda botando atrás umha olhada sobre as relaçom da Galiza com o cinema. De sempre, o cinema na Galiza foi algo vinculado a pessoas isoladas que acreditavam no que faziam mas que poucas vezes fõrom secundadas pola sociedade. Dos pioneiros empreendedores passou-se para certo snobismo lavrado desde umha burguesia com vontade de modernidade. Depois, foi praticada umha dialética progressista para se transmutar num desleixado suporte pitoresco e, finalmente, albergou umhas tímidas arelas militantes que se perderom coma umha pinga de água entre as desapiedadas lógicas comerciais.

A relaçom entre a Galiza e o cinema nunca chegou a calhar. A política e o (outro) mundo da cultura nunca concebeu o cinema como umha ferramenta com que poder transmitir conteúdos culturais de entidade capazes de definir umha ideia de país. Este divórcio pode ser devido ao distanciamento técnico, ao elevado custo de produçom, á difícil distribuiçom, ao pouco ecoar nos

meios, o desconhecimento, à falta de consideraçom por parte das elites culturais e políticas, à instável política audiovisual, a umha lei apodrecida, ao “leirismo” sócio-psicopático, ao amplo tempo de produçom dos filmes, à falta de ideologia, às pressom mercantilistas, à pouca sinergia com a televisom... Um feixe de elementos muito diversos que explicam um evidente fracasso histórico.

Apesar de que nos últimos tempos se conseguiu superar algumas eivas e limitaçom (aquelas que dependem dos criadores), a relaçom que a Galiza mantém com o seu cinema está longe de estar normalizada. Nestes anos nem fõrom poucas as obras cinematográficas que obtiverom mais reconhecimento fora do que dentro do território galego, fazendo com que estes logros se traduzissem numha enorme projeçom internacional para a própria cultura que as ignora. Dói-me reconhecê-lo: a globalizaçom venceu o jogo. Nom obstante, a estas alturas xurde-me mais umha dúvidas: é o cinema galego incapaz de conectar com umha referência sociocultural própria ou será que continuamos a conformar umha sociedade carente dumha verdadeira ideia de país?